

## Sobre a volta do “vovô viu a uva”

Sérgio Antônio da Silva Leite

(Publicado no Jornal “Folha de São Paulo”  
- Tendências e Debates - 17/3/2006)

Na qualidade de professor e pesquisador universitário, há décadas envolvido com questões relacionadas com o processo de Alfabetização escolar, venho apresentar, sucintamente, algumas observações sobre o debate que vem se desenvolvendo nos meios de comunicação, sobre a questão da Alfabetização escolar.

Penso que o assunto não pode ser colocado como um conflito entre os defensores do método fônico x defensores das concepções construtivistas; abordá-lo somente por esse ângulo implica na reprodução de uma visão reducionista do processo de Alfabetização. A questão é muito mais ampla e profunda, com implicações de natureza ideológica, política, social, econômica e, principalmente, educacional.

Neste sentido, apresento, resumidamente, alguns pontos, com o intuito de enriquecer o debate:

- 1) o processo tradicional de Alfabetização escolar, que tem como ícone as tradicionais cartilhas (*vovô viu a uva, o boi baba no bebê, etc...*), concebe a linguagem escrita como um mero sistema gráfico de representação da linguagem oral; daí a idéia do ler e do escrever como atos de codificação e decodificação. Tal proposta começou a ser questionada a partir da segunda metade do século passado, período em que se inicia, em países como o Brasil, um crescente processo de profundas mudanças sociais e econômicas, principalmente nas relações de trabalho, começando a exigir dos cidadãos (e não só das classes cultural e economicamente dominantes) uma relação mais funcional com a escrita;
- 2) simultaneamente, inúmeros trabalhos, em diversas áreas do conhecimento, têm demonstrado que o domínio do código escrito, o grande objetivo do processo tradicional, não implica que o indivíduo envolva-se com as práticas sociais de leitura e escrita, isto é, dominar o código não garante que o aluno torne-se leitor ou produtor de textos; daí o conceito de *analfabeto funcional* – cidadão sabe decodificar mas não se envolve com as práticas sociais de leitura e escrita - proposto pela Unesco, que, provavelmente, caracteriza parte considerável da população de vários países, como a do Brasil;
- 3) a partir de 1985, chega no Brasil a teoria construtivista, rapidamente assumida por setores da liderança educacional como a solução para o problema da Alfabetização e,

equivocadamente, interpretada como um método pedagógico. No entanto, o construtivismo, como uma teoria psicológica de inspiração piagetiana, não responde a todas as implicações do processo de Alfabetização escolar, teoricamente multideterminado. Mas é inegável que tem dado contribuições inestimáveis para o processo pedagógico;

4) as concepções atuais de Alfabetização baseiam-se na idéia de que a escrita é um sistema simbólico, desenvolvido pela cultura, de natureza histórica e social; sua essência, portanto, centra-se nas representações / significados / sentidos que os indivíduos atribuem a partir do código; daí a idéia de que ler e escrever são processos de produção de significados, o que, obviamente, não exclui a importância do domínio do código, mas coloca-o atrelado ao significado expresso pela cultura;

5) assim, não é mais possível pensar na Alfabetização escolar somente como um processo de apropriação do código, uma vez que a essência do mesmo relaciona-se com o seu significado; além disso, deve-se lembrar que a escrita é um sistema caracterizado pelos seus usos sociais, o que garante a sua funcionalidade; isto possibilitou o reconhecimento, em nosso meio, do conceito de Letramento, relacionado com as práticas sociais de leitura e escrita;

6) nesta perspectiva, um dos grandes objetivos da escola deve ser ampliar, ao máximo, os níveis de Letramento dos alunos, ou seja, possibilitar aos mesmos o envolvimento com as práticas de leitura e escrita visando à sua ampla inserção social como cidadãos; tal processo deve ser objeto de um projeto pedagógico que envolva todo o período de escolarização, em todos os níveis escolares;

7) a Alfabetização, por sua vez, é um processo restrito às séries iniciais, que deve garantir ao aluno a apropriação das dimensões alfabética e ortográfica da escrita, o que inclui as relações grafema – fonema, consciência fonológica e fonética, convenções ortográficas, etc...; porém, deve ser desenvolvida a partir da escrita socialmente funcional, que tem no texto a sua principal forma de expressão;

8) ao nosso ver, estas são as razões pelas quais a volta do “vovô viu a uva” representa um retrocesso inaceitável; o desafio que, efetivamente, se coloca aos educadores é alfabetizar na perspectiva do Letramento, onde o aluno, desde o início de sua escolarização, tenha contato com a escrita verdadeira – a escrita que corresponde aos usos sociais de sua cultura. Assim, queremos que nossos alunos dominem o código escrito mas que, simultaneamente, constituam-se como leitores e produtores de textos, condição considerada fundamental para o exercício da cidadania.

Uma última palavra - ou desafio: todo o processo de Letramento e de Alfabetização escolar pode ser desenvolvido numa perspectiva de conscientização dos indivíduos – transformação da consciência ingênua em consciência crítica – o sonho do nosso saudoso e eterno mestre Paulo Freire. Esta pode ser a alternativa efetiva para os educadores alfabetizadores comprometidos com a formação de cidadãos críticos e de uma sociedade mais justa.

Sérgio Antonio da Silva Leite, 59, doutor em Psicologia pela USP, professor da Faculdade de Educação de Unicamp, membro do grupo de pesquisa ALLE – Alfabetização Leitura Escrita.